

O CORO E O CORIFEU NA TRAGÉDIA GREGA

A tragédia grega é um dos gêneros mais nobres do teatro, o que acumula mais sabedoria, dada sua tradição.

Etimologicamente remete ao canto do bode (sacrifício), ato que era assistido por pessoas que se colocavam num raio circular de 10 m². Aqueles que ficavam fora do círculo sentavam-se sobre pedras ou se encostavam nas rochas, caracterizando os momentos primórdios do cenário atual.

O sacrifício do bode era uma analogia ao massacre de Dionísio, originário da Ásia, Deus carregado por um lado irracional e impulsivo, oposto à Apolo (sec. XVIII e XVII a.C.)

O teatro se iniciou com um único personagem em cena, passando para dois e para três (Eurípidas: coro).

Termo que provém do grego *chorós*, que, na Grécia antiga, designava um grupo de dançarinos e cantores usando máscaras que participavam ativamente nas festividades religiosas e nas representações teatrais.

Com o intuito de entreter os participantes das festas bacantes, ajudando a passar o tempo, eram organizadas pequenas encenações, ora dramáticas, ora satíricas, coordenadas por um corifeu. Este torna-se um personagem chave na deflagração da encenação, apresentando-se como o mensageiro de Dionísio.

O corifeu podia ser acompanhado por um coro que tinha a função de externar por gestos e passos ensaiados os momentos de alegria ou de terror que permeavam a narrativa.

O corifeu e o coro são os elementos básicos do Teatro, formam o ponto de partida da encenação que mais tarde assumirá algumas alterações bem definidas.

Quando surge o coro, sua manifestação se dá pela fala, pela dança e pelo canto (parte poética do teatro grego é cantada), passando, com o tempo, a contar com doze atores (em dois grupos de seis). Naturalmente, com a evolução dos textos teatrais, muda também a função do coro. Sua finalidade inicial era a de alegrar o espetáculo teatral falado, posteriormente, passa a ter um papel narrativo.

Na tragédia clássica, o coro é uma personagem coletiva que tem a missão de cantar partes significativas do drama. O coro era composto pelos narradores da história que, através de representação, canções e danças, relatavam as façanhas do personagem. Era o intermediário entre o ator e a platéia, e trazia os pensamentos e sentimentos à tona, além de pronunciar também a conclusão da peça.

De início, o texto do coro constituía a parte principal do drama, ao qual se interpolavam monólogos e diálogos. Com o desenvolvimento da tragédia, o coro fixou-se como uma parte secundária do texto dramática, geralmente reservada ao comentário público.

Com o desenvolvimento do drama, o coro perde a sua configuração e importância original, abandonando a representação de uma personagem coletiva. A parte coral pode então ser executada por um só cantor. Pelo seu carácter repetitivo, o coro aproxima-se da função do refrão.

A função original do coro da tragédia grega não se perde nesta concepção: ele funciona sempre como um espectador ideal que se responsabiliza pelo equilíbrio das emoções e pela moderação dos discursos. Na tragédia clássica, existe um elo de ligação muito forte entre o drama e o coro. De fato, crê-se que a tragédia tenha surgido em virtude das atuações quer líricas quer religiosas de um coro composto por dançarinos mascarados que cantavam.

A Comédia Nova e a Comédia Antiga possuem muitas diferenças. Na Comédia Nova o coro já não é um elemento atuante, sua participação fica resumida à coreografia dos momentos de pausa da ação. Na Comédia Nova a política já quase não é discutida.

Ou seja, o coro tinha várias funções no teatro grego: é uma personagem da peça; fornece conselhos, exprime opiniões, coloca questões, e por vezes toma parte ativa na ação. Ao coro competia também criticar valores de ordem social e moral e, por outro lado, tinha ainda o papel de espectador ideal ou voz da opinião pública

O Coro nas peças (diferentes funções):

- ORESTES: quase não possui o coro (não tinha papel na peça), contudo, foi a principal peça grega depois de Édipo Rei (onde o coro lamenta a situação da cidade).
- AS BACANTES (Eurípides): uma presença marcante do coro, narrando a estória de milhares de mulheres (mênades) embriagadas pelo Deus Dionísio. A função do coro nesta peça era a representação da vontade popular a caminho da contestação do poder.
- PROMETEU ACORRENTADO: presença de um coro de mulheres (oceaninas), filhas do Deus Oceano, que lamentam a situação de Prometeu.
- ÉDIPO EM COLONO: o coro é agressivo, ataca Édipo (já em idade avançada) como um assassino.
- MEDEIA: o coro é pobre, pois com Medeia não há diálogo, já que sua fala é pré-concebida e fechada. FEDRA acentua a loucura de Medeia, representante de um completo descontrole da alma.
- OS SETE CONTRA TEBAS: o coro tem a função de resolver dilemas de sangue (os dois filhos de Édipo não se suportam, um termina por matar o outro).

O principal tema do coro era o esfacelamento das cidades, aliás, esse tema era o grande terror do povo grego. O coro fala de temas elevados, quando há a necessidade de uma linguagem baixa, um personagem (Corifeu) sai do coro para fazê-lo. Aristóteles considerou a importância da catarse para o público, assim, a peça deveria causar o horror e a piedade, para que os sentimentos fossem purificados.

Ésquilo, Eurípides e Sófocles são os principais escritores da tragédia grega, sendo Aristófanes o maior comediógrafo. No mundo ocidental moderno, William Shakespeare é o grande nome do teatro, tendo escrito, entre outras peças, Hamlet, Otelo e Macbeth. Na França, Racine e Molière prosseguiram com a tradição teatral.

ÉDIPO REI:

CORO:

Ai de nós, sem conta são nossos sofrimentos! O povo doente, impotente o nosso espírito, fenecem os frutos da terra e as mães gemem estêreis; vidas a irem-se embora, como pássaros leves, mais céleres que o raio vibrado pelos céus, para os confins da noite...

Despojada de seus filhos, a cidade perece, e, sem quem os vele e sem uma única lágrima, jazem os corpos pelo chão, espalhando o contágio; as viúvas e as mães

encanecidas, nos degraus dos altares, enchem os ares de lamentos pungentes por tanta desventura, a que se fundem lúgubres cânticos. Dileta filha dourada de Zeus, envia-nos teu auxílio! histórias e mitos relacionados aos Deuses. A grande inovação deu-se quando se criou o diálogo entre coreutas e o corifeu. Cria-se assim a ação na história e surgem os primeiros textos teatrais. No início fazia-se teatro nas ruas, depois tornou-se necessário um lugar. E assim surgiram os primeiros teatros.

O Teatro Ocidental tem origem nos festivais religiosos gregos em honra a Dionísio, a partir do século VII a.C. Os cânticos eram entoados por um coro, conduzido por um solista, o corifeu. No século VI a.C., na Grécia, surge o primeiro ator quando o corifeu Téspis destaca-se do coro e, avançando até a frente do palco, declara estar representando o deus Dionísio. É dado o primeiro passo para o teatro como o conhecemos hoje.

A tragédia foi o gênero que mais cedo ganhou notoriedade, porque era considerado também o único representável, como renovação do indivíduo através da morte ou do sofrimento. Os maiores autores de tragédias foram os atenienses do século V a. C. Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Fatalista, heroico, musical também, convidativo à meditação e à filosofia, para Ésquilo era o coro o principal elemento cênico na obra teatral. Sófocles surgiu já como um tragediógrafo mais próximo do ideal do cidadão, conciliando poesia, política, ideais de cidadania e espírito atlético, numa versão mais humanizada da tragédia. Ambos os autores se mantiveram sempre dentro do cânone da tragédia, o que já não fez Eurípides, mais revolucionário e vanguardista, pois pretendia, por exemplo, desagrilhoar o indivíduo da religião e das instituições. Veio depois a comédia, com Aristófanes, por exemplo, mas como instrumento de sátira e crítica do mundo, de idealismo político e vivencial. Depois do século IV, surgiria a "nova comédia", com Filémon e Menandro, mais trivial e divertida, como fariam os Romanos com o grande Plauto, um criador de gêneros cômicos, mas sempre crítico e reflexivo.

Só possuímos peças completas de três autores, que costuma agrupar em ordem aproximadamente cronológica: Ésquilo, fortemente baseado em convicções mitológicas e de um poder verbal próximo da epopéia; Sófocles, grande moralista e grandíssimo poeta, de equilíbrio perfeito; e Eurípides, meio descrente, psicólogo e de grande força lírica. Essa apresentação da história da tragédia grega é convencional e pouco exata. Na verdade, os três grandes são quase contemporâneos, e nossa relativa ignorância dos outros tragediógrafos não permite esboçar linha de evolução coerente. Na verdade, em quase todos aqueles três a arte do diálogo e dos coros é mais ou menos a mesma; as diferenças de técnica dramática, importantíssimas para os contemporâneos, são pouco sensíveis para nós; e ideologicamente o suposto inovador e rebelde Eurípides está mais perto de Ésquilo que de Sófocles, As Bacantes mais perto do Prometeu Acorrentado do que da humaníssima Antígona.

Convém ressaltar que as traduções, assim como as cada vez mais freqüentes representações das tragédias gregas, modernizam esse teatro antigo, tão remoto quanto grande. A impressão de Eurípides ter sido meio descrente e inovador irreverente é devida, através dos séculos, ao seu intransigente inimigo, o aristocrático e conservador Aristófanes, criador da comédia antiga: gênero estranho, composto de paródia mitológica, sátira política, diatribes pessoais e poesia lírica. No teatro de tempos modernos não existe nada de comparável à comédia aristofanesca, a não contarmos certas sátiras literárias, só destinadas à leitura. Mas as comédias de Menandro (342 -291 A.C.), das quais duas foram encontradas em papiros egípcios, já são reflexos de uma vida burguesa de uma época totalmente desmitologizada e despolitizada. De aspecto ainda mais moderno teriam sido comédias domésticas de Filemon e Difilos, que só sobreviveram nas versões latinas de Plauto e Terêncio;

moderno, porque essas comédias latinas foram imitadas, durante os séculos, em todos os países modernos.

Em Roma os primeiros jogos cênicos datam de 364 a.C. A primeira peça, traduzida do grego, é representada em 240 a.C. por um escravo capturado em Tarento. Imita-se o repertório grego, misturando palavra e canto, e os papéis são representados por atores masculinos mascarados, escravos ou libertos.

O teatro romano não é apenas um reflexo do teatro grego. Eles importaram a cultura grega, porém tinham seu próprio estilo. O teatro romano perde o caráter de sagrado e visa à diversão e ao prazer, a comédia toma o lugar da tragédia. Os espetáculos de circo romanos eram violentos, se baseavam em competições entre os romanos e os cristãos os quais eram sacrificados publicamente.